

EXPERIÊNCIAS DE ACESSIBILIDADE NO MUSEU DE PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO

ACCESSIBILITY EXPERIENCES AT THE MUSEUM OF PORTO ALEGRE JOAQUIM FELIZARDO

Márcia Beatriz dos Santos Bamberg

Técnica em Cultura do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo. Especialista em Patrimônio Cultural e Identidade pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA – Canoas/RS). E-mail: marciabamberg@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva relatar as experiências de acessibilidade no Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, a oficina *Conhecendo Porto Alegre através dos Sentidos* e a caminhada orientada *Viva o Centro a Pé* com audiodescrição para o público com deficiência visual. Essas atividades têm como meta ampliar e qualificar a inclusão de pessoas com deficiência junto ao público visitante do Museu e reabilitar e humanizar o Centro Histórico, propiciando aos participantes a descoberta de conhecimentos relacionados a história de Porto Alegre. A Oficina *Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos* proporcionou aos participantes com deficiência visual a utilização do audioguia, textos em Braille, maquetes táteis e toque em objetos históricos e arqueológicos. O *Viva o Centro a Pé* é orientado por professores universitários, especialistas em história, arquitetura, arte e áreas afins, acompanhados por audiodescritor que narra a história de edificações, monumentos e espaços públicos, oportunizando a visitação interna em prédios com valor histórico. A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal. A partir de avaliação realizada em conjunto com os participantes, destaca-se a importância dessas atividades como oportunidade de conhecer a história da cidade por meio dos sentidos.

Palavras chave: História. Museu. Acessibilidade.

Abstract

This study aimed to report the experiences of accessibility at the Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, the workshop *Conhecendo Porto Alegre Através dos Sentidos* and walking oriented *Viva*

o Centro a Pé with audiodescription for the visually impaired audience. These activities aim to widen and improve the inclusion of people with disabilities to the public visiting the museum and rehabilitate and humanize the History Center, providing the participants the knowledge related to the story of Porto Alegre. The workshop Conhecendo Porto Alegre Através dos sentidos provided participants with visual disabilities to use the audioguide, texts in Braille, tactile models and touch on historical and archaeological objects. The Viva o Centro a Pé is guided by university professors, experts in history, architecture and related fields, accompanied by a audiodescriptor that tells the story of buildings, monuments and public spaces, providing opportunities for domestic visitation in buildings with historical value. Audiodescription is an accessibility feature that broadens the understanding of people with visual disabilities in cultural, live or recorded events through sound information. It is an activity of linguistic mediation, a form of inter-semiotic translation, which transforms the visual into verbal. From evaluation in conjunction with the participants, highlights the importance of these activities as a chance to meet the city's history through the senses.

Key Words: History. Museum. Accessibility.

Introdução

A temática da acessibilidade entrou em pauta nos museus brasileiros em meados da década de 1980. Ao longo desses anos, várias iniciativas foram implantadas sob orientação de instituições ou escolas especializadas em deficiências específicas.

Ao considerar os dados do Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de que 23,9% da população brasileira apresenta algum tipo de deficiência, e que o Estatuto do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) estabelece que: *os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos [...] (art. 35, 2009)*, é de fundamental importância a adequação dos museus às Normas Brasileiras de Acessibilidade e ao Estatuto dos Museus.

O Museu Joaquim Felizardo, Museu Histórico da cidade de Porto Alegre, órgão da Secretaria Municipal da Cultura, Coordenação da Memória Cultural, tem como sede o Solar Lopo Gonçalves, construído entre os anos 1845 e 1850, na antiga Rua da Margem (atual Rua João Alfredo), leva em consideração essa realidade com a realização da oficina *Conhecendo Porto Alegre Através dos Sentidos* e a Caminhada Orientada *Viva o Centro a Pé*. Essas iniciativas pretendem tornar acessível o conhecimento, aproximando o público com deficiência visual do museu e, ao mesmo tempo, proporcionam ao visitante comum novas experiências de convivência e interação. Também acontece pelo deslocamento e pela ampliação do entendimento do espaço, nas configurações expandidas de museu de rua. Ocorre ainda pelas exposições e museus a céu aberto, que subvertem a lógica dos espaços contemplativos de arte e de memória, franqueando assim acesso a públicos antes excluídos. A persistência em alcançar vários públicos nos impulsionou a trabalhar com projetos culturais inclusivos, em exposições, em oficinas e caminhadas orientadas.

A oficina *Conhecendo Porto Alegre através dos Sentidos* oferece aos participantes a utilização do audioguia com a descrição da exposição *O Solar que Virou Museu & Memórias e Histórias*, legendas catálogo em Braille, seleção de objetos originais ou réplicas disponíveis para o toque, e maquetes e planta tátil do edifício sede do Museu.

O *Viva o Centro a Pé* oportunizou aos participantes da caminhada a audiodescrição ampliando o entendimento nesse evento cultural. As pessoas com deficiência visual são guiadas por um voluntário e realizam o roteiro juntamente com o audiodescritor. A saída para a caminhada é na Praça Daltro Filho, no Centro Histórico de Porto Alegre. A partir daí, é descrito o entorno, possibilitando o toque em objetos históricos e detalhes da arquitetura de edificações e monumentos.

Acessibilidade em museus

Os museus, desde a segunda metade do século XX, movem esforços para afirmar seu caráter de agente de desenvolvimento social e para superar sua ligação de origem com as elites e com o poder, através do trabalho centrado no sujeito e nas comunidades. Já as pessoas com deficiência, que até o final do século passado foram excluídas do convívio social, hoje constituem uma parcela ativa da população, a qual, na perspectiva da acessibilidade universal, vem conquistando espaços na sociedade brasileira. Portanto, a acessibilidade desenvolvida a partir dos movimentos de inclusão social é uma forma de concepção de ambientes que acolhem todos os indivíduos, independentes de suas limitações físicas e sensoriais.

Assim, os museus, independente da condição física ou comunicacional de seus frequentadores, têm de estar de acordo com a Norma Brasileira de Acessibilidade da Associação Brasileira de Normas Técnicas - ABNT NBR 9050 (2004), a qual diz que a acessibilidade é a possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamento urbano e elementos, que possam ser alcançados, acionados, utilizados e vivenciados por qualquer pessoa, inclusive aquelas com mobilidade reduzida (ABNT, 2004, p. 2).

Conforme Amanda Tojal (2010), a acessibilidade em Museus no Brasil teve início há menos de duas décadas, tendo como foco primeiramente o acesso físico a essas instituições. Desde então, os museus passaram, paulatinamente, a preocuparem-se com a acessibilidade, fator esse que tem exigido mudanças e transformações, não somente na programação de exposições, mas principalmente em relação às mudanças conceituais na política cultural dessas instituições. A acessibilidade vai além do aspecto físico, isto é, ultrapassa a eliminação de barreiras arquitetônicas, acrescentando-se outros aspectos de caráter atitudinal, cognitivo e social.

Para Tojal (2010), as barreiras sensoriais dizem respeito às questões comunicacionais, isto é, ao acesso à informação, a qual deve iniciar-se já na entrada do museu, com orientações e indicações sobre os espaços existentes. Uma exposição de caráter inclusivo deve oferecer os textos adaptados aos diferentes níveis de compreensão e leitura e, no caso de pessoas com deficiências sensoriais, adaptar os textos para escrita Braille, assim como adicionar legendas ou “janelas de Libras” inseridas na projeção de vídeos. Também deve incluir objetos e caixas

sensoriais, jogos ou equipamentos interativos. Essas opções, essenciais para alguns, serão aproveitadas por todos.

As instituições museológicas devem pautar-se pelo princípio de que conviver com a diversidade é tratar todo o ser humano com dignidade, orientando suas ações para a acessibilidade. As diversas áreas e equipes de trabalho devem ter uma postura inclusiva ao desenvolver seus projetos e atividades, o que permitirá uma maior flexibilidade de projetos interdisciplinares e a otimização e dinamização de ações, favorecendo tanto os profissionais envolvidos como a própria instituição. Uma política cultural inclusiva deve ser perceptível a todos os visitantes. Para tanto, devem ser levadas em consideração as necessidades e recomendações apontadas pelo público alvo (TOJAL, 2010). Na mesma direção, Sarraf (2008) afirma que a acessibilidade em museus significa que as exposições, espaços de convivência, serviços de informação, programas de formação e todos os demais serviços básicos e especiais oferecidos por essas instituições devem estar ao alcance de todos os indivíduos, perceptíveis a todas as formas de comunicação, de maneira clara, permitindo a autonomia dos usuários.

Cohen (2013) considera que a “acessibilidade plena” vai além de uma simples visão cartesiana que só leva em conta o acesso físico, não considerando a multissensorialidade que envolve a deficiência visual: o “ver e não ver”. Por essa razão, trabalhando com a função social dos espaços, entende que o planejamento deve primar pela relação dinâmica que se estabelece entre o espaço e o observador, que estará se enriquecendo a partir das constantes mudanças nos significados e a partir da essência de uma ambiência a ser compartilhada. Nesse sentido, a maneira como as informações são fornecidas aos visitantes assume uma importância fundamental. Estabelecendo-se a comunicação, favorecem-se as trocas e a transmissão de conhecimento, levando aquele lugar a cumprir sua função de forma plena.

Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo

O Solar de Lopo Gonçalves Bastos, sede do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, foi construído entre os anos de 1845 e 1850, fora dos limites urbanos da cidade. Lopo Gonçalves Bastos construiu o Solar nos fundos da propriedade de seu sogro, em frente à Rua da Margem (atual Rua João Alfredo), assim denominada por margear o Arroio Dilúvio. O Solar Lopo Gonçalves é um exemplar do estilo tradicional luso-brasileiro ou colonial, com porão alto e acesso principal pela escada lateral. Possui telhado em forma de “quatro águas e beirais”. As janelas frontais apresentam quadro superior ornado com meias rosáceas. As paredes externas foram construídas em alvenaria de tijolos e as internas em estuque (barro, madeira e folhas de palmeira). Posteriormente, em sua estrutura, foram realizadas algumas modificações arquitetônicas como fechamento do pátio interno, a inclusão de um novo cômodo e a construção do torreão “(...) que tinha a função de observatório. Dali poder-se-ia visualizar o Lago Guaíba, a chácara e toda a área ao seu redor (POSSAMAI, 2001, p.71). Devido ao seu valor histórico: “O prédio foi objeto de tombamento, em 21 de dezembro de

1979, conforme o Registro de Imóveis da 2ª Zona, Livro n.º 2, 3-CG, fls. 40, n.º 81.931, de 30-11-60. O prédio encontrava-se em estado precário de conservação, uma vez que a troca de proprietários e o desinteresse em sua manutenção deixaram-lhe entregue à ação do tempo (MARTINS; FRIDMAN, 1987, p. 20-1).

Em 1982, o restauro foi concluído, e o Museu de Porto Alegre (cuja sede ficava em um imóvel alugado, no mesmo bairro) foi, então, transferido para o Solar. Em 1993, o Museu passou a chamar-se Museu de Porto Alegre Joaquim José Felizardo (MJJF), uma homenagem ao fundador da Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre, órgão através do qual o museu é gerido.

O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo tem como missão promover a interação da sociedade com o patrimônio cultural do Município, com ênfase na sua história e memória, através da preservação, pesquisa e comunicação dos bens culturais sob a guarda da instituição. O museu conta parte da história da cidade através de seus acervos: o acervo tridimensional (histórico e arqueológico) e o acervo de imagens (fotográfico).

Nos arquivos do museu, foram encontrados relatórios e documentos referentes à adequação do prédio à legislação, então vigente, sobre acessibilidade. A partir da análise desses documentos da instituição, verificou-se que no ano de 2002 foram realizadas adaptações no aspecto físico do edifício, tais como instalação de elevador, banheiro adaptado e maquete tátil do Solar Lopo Gonçalves.

No ano de 2012, elaborou-se o audioguia da exposição “O Solar que virou Museu – Memórias e Histórias” com leitura dos painéis e descrição das imagens e dos objetos históricos e arqueológicos que compõem a exposição. Além disso, o catálogo que complementa essa mostra está disponível em Braille, possibilitando a autonomia do público com deficiência visual. Também foi realizada a restauração da maquete tátil, a confecção de uma meia maquete da fachada do Solar, destacando os detalhes do prédio e a reprodução da magnólia, árvore centenária que se localiza em frente ao museu. Esses materiais, juntamente com alguns objetos históricos e arqueológicos, estão disponíveis ao toque.

Destaca-se, ainda, que a instituição conta com equipe - direção, recepção, funcionários e estagiários - preparada para relacionar-se, conduzir e orientar esse público.

Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos

A oficina “Conhecendo Porto Alegre através dos sentidos” tem por objetivo central ampliar e qualificar a inclusão de pessoas com deficiência junto ao público visitante do museu. A atividade se desenvolve no Solar Lopo Gonçalves, sede do Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo.

No pátio interno do solar, os participantes são recepcionados por funcionários que desejam boas-vindas, apresentam-se e orientam como será desenvolvida a atividade. No Espaço Senzala, os participantes tocaram a meia-maquete da fachada do Museu, percebendo as seis janelas e as rosáceas, as três janelas olho-de-boi, o telhado e a escada lateral, que leva até a porta principal do museu. Também reconhecem a maquete do Solar Lopo Gonçalves e a maquete representativa da planta baixa, única forma de apreensão espacial do público com deficiência visual do edifício do museu, patrimônio arquitetônico da cidade de Porto Alegre que está sinalizada com etiquetas em Braille. A seguir, exploram a maquete da magnólia, a árvore centenária que adorna a frente do solar.



Figura 1

Fotografia de visitação com toque da maquete da fachada do Museu

Fonte: Arquivo Pessoal da autora

No segundo momento, os visitantes com deficiência visual são guiados até a sala onde se encontra o módulo I da exposição “O Solar que virou Museu - Memórias e Histórias”, a qual conta a história desse lugar e homenageia intelectuais gaúchos que lutaram por sua preservação. A exposição também destaca a figura de Joaquim Felizardo, que dá nome ao museu.

Os audioguias, contendo a leitura dos textos e a descrição do solar, de fotografias, reportagens da época, linhas de tempo e objetos arqueológicos do acervo, são entregues a cada participante, o qual é orientado a ouvir iniciando em frente ao balcão de informações e, posteriormente, seguindo as orientações do audiodescritor. Após, também é oferecido o catálogo em Braille, o qual complementa a exposição.

No terceiro momento, os participantes são convidados a conhecer a exposição “Transformações Urbanas – Porto Alegre de Montauray a Loureiro”, que corresponde ao período de 1897 a 1943, sendo guiados pelos monitores que descrevem as fotos e explicam os painéis que compõem o módulo II. Nessa sala, o participante tem a oportunidade de tocar um boneco (de tamanho próximo ao natural, confeccionado em meia de nylon) que representa o Chefe dos Acendedores de Lampiões, Sr. José Lopes Andrino, e os monitores comentam sobre essa atividade e o período em que era desenvolvida. Ainda nessa sala, as pessoas com deficiência visual tocaram a parede externa (da construção original do solar) para que percebessem sua espessura. Em seguida, foram apresentados, em uma vitrina, objetos femininos e pessoais da vida privada dos porto-alegrenses mais abastados.

Na próxima sala, onde estão expostos objetos, é possível tocar rádios da década de 1940, cristaleira e mesa dos intendentos de Porto Alegre. Também foram tocadas as paredes internas do solar, e as paredes externas, feitas de tijolos, cimento e madeira. Os participantes conheceram a história da enchente de 1941 e a importância das transmissões realizadas pela Rádio Farroupilha nesse período.

Posteriormente, os visitantes foram convidados a conhecer a sala onde fica a escada de acesso ao torreão e o auditório da instituição, com espaço para 40 pessoas, onde são realizados alguns eventos culturais. Nesse local, última etapa da oficina, os participantes são convidados a sentar em torno da mesa para tocar e identificar réplicas e objetos históricos e arqueológicos originais: cachimbo, chave do solar, cortador manual de bolacha Maria, escarradeira, máquina fotográfica e mata-borrão. Após a identificação dos objetos, realiza-se leitura descritiva das características físicas e do contexto histórico dos mesmos. Essa descrição também está disponível em Braille.

No encerramento da oficina, os visitantes com deficiência visual avaliam a atividade e os recursos acessíveis utilizados. Uma das visitantes comentou que a visita foi muito emocionante, pois era a primeira vez que vinha a um museu e que não lia em Braille, mas que tocando os objetos (cachimbo, máquina fotográfica) conseguiu identificá-los. Outro participante disse que gostou e que era favorável ao audioguia e à audiodescrição. Também outra pessoa com deficiência visual destacou a importância de aprender sobre o passado.

O que é Audiodescrição (AD)

Conforme Motta e Romeu (2010), a audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica,

que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com dislexia e com deficiência intelectual. Pessoas com idade mais avançada também são beneficiadas.

Para Franco e Silva (2010), a audiodescrição consiste na transformação de imagens em palavras para que informações-chave transmitidas visualmente não passem despercebidas e possam também ser acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão. Esse recurso conta com pouco mais de trinta anos de existência, na Europa e nos Estados Unidos, e vem paulatinamente ganhando maior visibilidade e projeção também em outros locais, na medida em que o direito à informação e ao lazer da pessoa com deficiência visual é reconhecido e garantido.

No Brasil, a AD foi utilizada em público pela primeira vez no ano de 2003, durante o festival temático “Assim Vivemos: Festival Internacional de Filmes sobre Deficiência”, que reproduz a ideia do festival “Wie Wir Leben” (Como Nós Vivemos) de Munique, na Alemanha, e que acontece a cada dois anos. Já em 2005, foi lançado o primeiro filme em DVD audiodescrito *Irmãos de Fé*, seguido de “Ensaio sobre a Cegueira” em 2008. Nesse mesmo ano, surgiu também na televisão a primeira propaganda acessível para pessoas com deficiência, promovida pela marca Natura. O Festival de Cinema de Gramado, em sua edição de 2007, e o Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo, nas edições de 2006 e 2007, foram as primeiras mostras não-temáticas a exibirem filmes audiodescritos. No teatro, a peça “Andaime”, exibida em São Paulo em 2007, foi o primeiro espetáculo teatral a contar com o recurso. Já a montagem “Os Três Audíveis” foi o primeiro espetáculo de dança audiodescrito, que aconteceu em maio de 2008, em Salvador. E em maio de 2009, em Manaus, o público com deficiência visual pôde apreciar a primeira ópera audiodescrita do país, “Sansão e Dalila”. (FRANCO; SILVA, 2010).

Em um outro âmbito, a audiodescrição também começou a ser promovida para um público com deficiência visual mais restrito, com as sessões mensais de filmes audiodescritos ao vivo na Associação Laramara, em São Paulo, e através do projeto do Ponto de Cultura – “Cinema em Palavras” – promovido pelo Centro Cultural Louis Braille, em Campinas. (FRANCO; SILVA, 2010).

Todas essas ações foram amplamente bem recebidas. Desde a promulgação da lei 10.098 (BRASIL, 2000), regulamentada pelo Decreto 5.296 (BRASIL, 2004), alterado pelo Decreto 5.645 (BRASIL, 2005) e pelo Decreto 5.762 (BRASIL, 2006), o recurso da audiodescrição tornou-se um direito garantido pela legislação brasileira. Em novembro de 2009, o Ministério das Comunicações lançou a Portaria 985, que abriu uma nova consulta pública para propor alterações na Norma Complementar nº 1/2006. (FRANCO; SILVA, 2010).

No Brasil, a luta é para que o direito à AD “saia do papel” e que cidadãos brasileiros com deficiência visual também possam ter acesso às produções culturais exibidas em território nacional. Atualmente, mais e mais audiodescritores estão sendo treinados para suprir o mercado que, inevitavelmente, se abrirá com a devida implementação da lei de acessibilidade. (FRANCO; SILVA, 2010).

Viva o Centro a Pé

Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil,

constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (art. 216, 1988).

O patrimônio cultural é de fundamental importância para a memória, a identidade e a criatividade dos povos e a riqueza das culturas. O Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo realiza o “Viva o Centro a Pé”, caminhada orientada que compõe a variada programação cultural organizada para dinamizar e gerar maior atratividade ao “Caminho dos Antiquários”, uma das inúmeras ações do “Projeto Viva o Centro”, que tem por objetivo contribuir para reabilitar e humanizar o Centro Histórico de Porto Alegre, desenvolver o comércio local e o turismo, criando uma nova opção de cultura na capital.

Conforme a coordenadora desse projeto, a socióloga Liane Klein, a primeira caminhada guiada pelo Centro Histórico, batizada posteriormente, de “Viva o Centro a Pé”, ocorreu em setembro de 2006, como parte da programação organizada para comemorar um ano do Caminho dos Antiquários.

Tendo duração de, aproximadamente, duas horas e orientada por professores universitários, especialistas em história, arquitetura e artes que narram a história de edificações e espaços públicos do Centro Histórico, os roteiros no Centro Histórico são diversificados, oportunizando a visita interna de prédios com valor histórico, como a Biblioteca Pública do Estado, a Igreja das Dores, o Paço Municipal, o Museu Júlio de Castilhos, o Theatro São Pedro, a Cúria Metropolitana, o Arquivo Público do Estado, a Catedral Metropolitana, o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, o Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, entre outros. O Bairro possui um Patrimônio Cultural expressivo, que inclui cinquenta bens tombados, exemplares dos mais diversos estilos arquitetônicos – colonial, bávaro, barroco, neogótico, neoclássico, neo-renascentista, art nouveau, art déco, eclético e modernista - muitos dos quais pertencentes ao período Positivista, marcado pela construção de edificações oficiais

com caráter monumental. Além disso, concentra diversos espaços culturais, contabilizando dezesseis museus, nove teatros, cinco cinemas, cinco centros culturais e onze bibliotecas.

Também são realizados vários passeios temáticos: Arte Funerária Sacra, aspectos históricos e devocionais das obras de arte que compõem o acervo dos Cemitérios da Santa Casa, Evangélico e São Miguel e Almas; arranha-céus; igrejas da área central; obras de Theo Wiederspahn, principal arquiteto em atuação na primeira metade do século passado em Porto Alegre; circuito de arte urbana; palácios; Porto Alegre de Loureiro da Silva, prefeito de Porto Alegre por dois períodos entre 1937 e 1964; caminhada literária; prédios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Território Negro; Hipódromo Cristal - Jockey Club do Rio Grande do Sul, exemplar tombado da arquitetura modernista; Fundação Iberê Camargo, prédio projetado por Álvaro Siza, um dos cinco arquitetos contemporâneos mais importantes do mundo; esculturas públicas do Centro Histórico; monumentos e fachadas, e Trilha do Mito Fundador Gaúcho, leitura simbólica e psicológica, a partir de edificações e monumentos, vinculando crenças originadas no passado com o presente.

Em 2013, o “Viva o Centro a Pé” tornou-se acessível para pessoas com deficiência visual através da audiodescrição, dando continuidade às atividades desenvolvidas pelo Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo, mantendo a instituição a postura inclusiva com a qual desenvolve seus projetos. Para o jornalista, roteirista e audiodescritor Cesar Fraga, essa atividade é uma “narrativa da paisagem urbana”. A audiodescrição torna possível ao cego que a informação contida nas imagens seja transmitida por meio de texto falado, no caso, pelo audiodescritor. Essa descrição pode ser feita gravada ou ao vivo, em tempo real, como nessas caminhadas guiadas.



Figura 2

Fotografia da atividade “Viva o Centro a Pé”

Foto: Arquivo Pessoal da autora.

Dito isso, convém destacar o pioneirismo, no Rio Grande do Sul, do projeto “Viva o Centro a Pé (Sábado Acessível)” com o uso de audiodescrição em passeio guiado com a finalidade de redescobrir a cidade e sua arquitetura, que em novembro de 2013, completa o primeiro ano com esse recurso.

A ideia básica é apresentar a paisagem não apenas arquitetônica, mas todas as informações sobre os trajetos percorridos, os quais não estão contidos nas falas do professor/guia, inclusive os detalhes mais prosaicos, como os materiais de que são feitas as calçadas e os elementos que compõem os caminhos e interiores dos prédios visitados, na busca e na tentativa de estabelecer o máximo de nexos possível entre as informações visuais e as apreendidas pelos demais sentidos das pessoas com deficiência visual.

A iniciativa de incluir pessoas com deficiência visual, através do projeto em questão, vem somar-se a outros projetos e eventos, para que cada vez mais a audiodescrição – no caso dos cegos –, assim como os demais recursos de acessibilidade sejam vistos como direitos adquiridos no cenário cultural, político e educacional de Porto Alegre e do Estado.

Para entender a importância desse recurso, é necessário imaginar a sensação de um cego caminhando no centro de Porto Alegre. Coloque uma venda nos olhos e tente guiar-se no espaço apenas com os demais sentidos. Ao escutar o motor de um carro, não saberá a marca, a cor, o modelo, se é velho ou novo. Ao escutar uma voz, não há como saber a aparência da pessoa. Já ao entrar em um prédio, principalmente em um prédio histórico, a audiodescrição permite que as informações históricas, arquitetônicas, geográficas e topográficas passem a ter forma e cores por meio de palavras. Trata-se da narração do que é visto. É a transformação do texto em sentido, em pensamento e significado, na recepção da imagem falada, processada e repensada pelo outro, fazendo o caminho inverso: por meio do que é dito da imagem, ela é imaginada, reconstruída por aquele que não a vê.

Portanto, para Fraga (2013), a audiodescrição utilizada nos sábados acessíveis do projeto “Viva o Centro a Pé” nada mais é do que uma narrativa da paisagem urbana de Porto Alegre, que permite àqueles que não enxergam a íntima apropriação da cidade em que vivem e que por isso passam a conhecer melhor.

Considerações Finais

Conforme se pôde observar no decorrer dessas atividades, o Museu de Porto Alegre Joaquim Felizardo é considerado adaptado em relação à acessibilidade. Com a realização da oficina “Conhecendo Porto Alegre Através dos Sentidos” e da caminhada orientada “Viva o Centro a Pé” com audiodescrição para pessoas com deficiência visual, o MJF amplia e qualifica o acesso de pessoas com deficiência, de forma a torná-lo referência em acessibilidade no Rio Grande do Sul. Destaca-se ainda a propriedade com que a questão da acessibilidade é tratada no MJF, já que a responsável por esse setor é a técnica em cultura, socióloga Márcia Beatriz

dos Santos Bamberg, pessoa com deficiência visual e participante assídua de encontros sobre acessibilidade. A atuação dessa profissional predispõe a instituição à conscientização sobre a necessidade de incluir o público com deficiência nas atividades realizadas pelo Museu. O direito de acesso a projetos culturais do Museu é garantido pela criação de políticas públicas e institucionais que possibilitam o uso dos equipamentos culturais sem barreiras físicas, sensoriais, cognitivas ou atitudinais.

A audiodescrição oferece maior acesso à informação, à cultura e ao lazer. Em países como o Brasil, por exemplo, o recurso ainda dá seus primeiros passos. É vital, portanto, que pesquisas na área sejam estimuladas e que o recurso ganhe maior visibilidade entre o público em geral. A audiodescrição começa a ganhar seguidores cada vez mais entusiasmados que estão dispostos a fazer com que ela saia do papel e ganhe os teatros, salas de cinema, museus e telas de computador e TV de todo o país.

A importância dessas atividades é mostrada através da avaliação realizada em conjunto com os participantes, a qual demonstra a oportunidade de vivenciar a aprendizagem sobre a história de Porto Alegre através dos sentidos.

Podemos afirmar que os museus no Brasil vivem um novo tempo, de investimentos e de visibilidade, o que nos motiva a sonhar com um futuro promissor, em que o acesso inclusivo não seja mais um programa especial e, sim, parte constituinte da missão dessas instituições.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050 – Norma Brasileira de Acessibilidade**. 2004. Disponível em: <<http://www.acessibilidade.org.br>>. Acesso em: 20 set. 2011.
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**. Art.216. 1988. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON198804.02.2010>> Acesso em: 2 abr. 2014.
- BRASIL. **Estatuto de Museus do Instituto Brasileiro de Museus**. Art.35. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.html>. Acesso em: 20 set. 2011.
- COHEN, Regina. **Subsídios metodológicos na construção de uma “acessibilidade plena”**: a produção da identidade e da subjetividade de pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2013.
- FRANCO, Eliana Paes Cardoso; SILVA, Manoela Cristina Correia Carvalho da. Audiodescrição: \breve passeio histórico. In: Audiodescrição: **Transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.
- FRIDMAN, Sonia; MARTINS, Nestor Torelly. **Caderno de restauro I**: Solar Lopo Gonçalves. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1987.
- GELMINI, Ana Carolina; TOCCHETTO, Fernanda; ZUBARAN, Maria Angélica. **O solar que virou museu**: memórias e histórias. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 2011.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/resultados>>. Acesso em: 05 maio 2012.
- MOTTA, Livia Maria Villela de Mello; FILHO, Paulo Romeu. **Audiodescrição transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.
- POSSAMAI, Zita Rosane. **Nos bastidores do museu**: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST Edições, 2001.
- SARRAF, Viviane Panelli. **Reabilitação do museu**: políticas de inclusão cultural por meio da acessibilidade. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.

TOJAL, Amanda Fonseca et al. **Caderno de acessibilidade**: reflexões e experiências em museus e exposições. São Paulo: Expomus, 2010.

Texto recebido em 15 de outubro de 2014. Publicado em 30 de dezembro de 2014